

CAPITÃES DA AREIA: FORMAS DE VIOLÊNCIA QUE ACOMPANHAM VIVÊNCIAS MARGINALIZADAS*

JEAN MARCELO DOS SANTOS SILVA

Discente do curso de Licenciatura em Letras
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Campus de Jequié, Bahia, Brasil

Contato: jeanmlago1111@gmail.com

Resumo: Este ensaio visa observar a violência que acompanha as vivências marginalizadas das personagens de *Capitães da areia* e analisar todo o contexto de violência que as personagens estão envolvidas desde tenra infância, adentrando na compreensão dessas crianças sobre tal violência e como lidam com ela, observando por fim como essa violência se conecta as relações de gênero vivenciadas pelos capitães da areia.

Palavras-chave: Capitães da areia. Jorge Amado. Violência. Vivências marginalizadas.

193

1. INTRODUÇÃO

Capitães da areia, originalmente publicado em 1937, é um romance escrito por Jorge Amado, considerado um dos maiores livros da literatura brasileira. A obra narra a história dos capitães da areia, um grupo de crianças, em sua maioria negras, abandonadas em situação de completa vulnerabilidade e que vivem juntas em um trapiche abandonado de uma praia de Salvador. O romance apresenta as personagens e nos conta sua história, sua realidade, suas aventuras e crimes, enquanto denuncia a desigualdade e a perseguição estatal sofrida por essas crianças e todas as formas de violência que isso acarreta.

* Artigo produzido em parceria com o GP Perifa.

Somos introduzidos, através do romance, ao mundo das crianças adultizadas que, sozinhas na metrópole, contam apenas com a companhia delas mesmas. Elas se veem obrigadas a amadurecer precocemente num processo de pseudomaturação, afinal este amadurecimento a partir do que essas crianças entendem por se tornar adulto, fruto de uma visão além de infantil, já distorcida por uma realidade árdua que as persegue constantemente.

Neste artigo, proponho que observemos processos de causa e efeito neste ciclo de violência que os jovens estão envolvidos: A violência como forma de resistência contra o sistema, a partir da qual refletirei sobre as formas como essas crianças criaram para si mesmas modos de resistir à perseguição das forças governamentais e ao preconceito por parte da burguesia da época; a violência como forma de sobrevivência, ou seja, o crime como única forma que essas crianças encontraram para sobreviver, mas também a violência utilizada como proteção contra forças exteriores (o estado, outros grupos marginalizados, etc.).

194

Para além da violência institucional e externa, o referido romance permite refletir sobre a violência como única forma de existência conhecida por aquele grupo de crianças, esse tipo de violência permite uma reflexão sobre o uso da violência como resposta imediata e modo de agir que soa como não violência, a exemplo dos estupros cometidos pelos jovens. Esse comportamento pode ser explicado pela realidade onde a violência está incrustada? O determinismo, elemento presente no romance, somado ao fato de crescer numa cultura de violência justifica o comportamento de um determinado grupo social? Uma reflexão sobre *Capitães da areia* permite compreender que a inexistência de leis estatais corrobora com a ocorrência de mais violência e resulta em outras formas de violência que acompanham vivências marginalizadas.

2. A VIOLÊNCIA QUE ACOMETE AS CRIANÇAS

Sem pais, sem segurança, sem moradia confortável e vivendo em constante estado de insegurança e medo, assim pode ser descrito o modo de existência dos capitães da areia. Dentro de seu contexto, a violência é regra, tanto aquela sofrida quanto aquela exercida, afinal vivendo num ambiente que expressa tanta hostilidade contra as crianças, a única resposta que elas teriam seria a hostilidade em retorno. Sobre isso Simon ressalta que “Os Capitães da areia são violentos para impulsionar uma resposta de resistência ao poder político e econômico que é extremamente violento com a sua condição social. Se o poder é violento, por que a resistência não pode ser?” (SIMON, 2023, p. 143). Ao longo de todo o romance fica claro qual o tratamento dado pelo poder e mídia locais para com as crianças, sendo descritas como criminosas, ladras, inescrupulosas, etc. No capítulo introdutório que narra um assalto cometido por elas já é possível se ter noção do estigma de criminosas imposto sobre as personagens, mesmo que muitas delas sequer tenham idade para compreender a gravidade de suas ações:

195

Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos “Capitães da Areia”, nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe. [...]. Esse bando que vive da rapina se compõe, pelo que se sabe, de um número superior a 100 crianças das mais diversas idades, indo desde os 8 aos 16 anos. Crianças que, naturalmente devido ao desprezo dado à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos, se entregaram no verdor dos anos a uma vida criminosa (AMADO, 2002, p. 3).

Ao mesmo tempo, a narrativa está a todo momento dando pistas para que o leitor tenha condição de compreender os motivos das crianças cometerem os crimes que cometem. O viés do livro é claro, ele trata de

denunciar os maus tratos cometidos pelo estado e pela sociedade contra as crianças e, ao mesmo tempo, redime as crianças por seus erros: “o narrador também ‘simpatiza’ com os explorados, solidariza-se com eles e expressa seus pontos de vista ao denunciar o modelo reificador sobre o qual se assenta o fausto dos coronéis” (DUARTE, *apud* COSTA, 2023, p. 60). E diversos setores da sociedade atuam nesse ato de violência contra as crianças:

E quem são os opressores? No romance figuram a opressão da sociedade, que não os enxerga, a igreja que também fecha os olhos e oprime o Pe. José Pedro, por tentar mudar a vida dos meninos, o Estado, na representação do Delegado e do Diretor do Reformatório, além dos patrões, citados nas greves das Docas, que culminou na morte do pai de Pedro Bala, e na greve dos motoristas de bondes (DANTAS; RODRIGUES, 2023, p. 348).

Em diversas passagens do romance é possível perceber tais covardias. A opressão da sociedade burguesa: “- O senhor não se envergonha de estar nesse meio, padre? Um sacerdote do senhor? Um homem de responsabilidade no meio desta gentinha [...] - Não se aproxime de mim, não se aproxime de mim, imundície. Se não fosse pelo padre eu chamava o guarda” (AMADO, 2002, p. 172-73). Padre esse que sofre retaliações de seus superiores por tentar ajudar os meninos, sendo acusado de ter aspirações comunistas por isso, e correndo risco de perder a promoção que tanto almejava dentro do clero: “- Cale-se - a voz do cônego era cheia de autoridade - Quem o visse falar diria que é um comunista que está falando. E não é difícil. No meio dessa gentinha o senhor deve ter aprendido as teorias deles... O senhor é um comunista, um inimigo da Igreja” (AMADO, 2002, p. 144).

A ironia do diálogo se encontra justamente nisso, no fato de que ajudar e ser altruísta, sinônimo de seguir os ensinamentos de Cristo, é criticado como algo contrário aos propósitos da igreja quando se trata da

defesa de pessoas que estão de fora do *Status Quo*. Obviamente as contradições também são percebidas pelo padre: “Será que um comunista age assim? Dar um pouco de conforto àquelas pequenas almas. Salvá-las, melhorar seus destinos...[...]” (AMADO, 2002, p. 147). Esse tipo de manifestação hipócrita é frequente ao longo do romance mas não surpreende, afinal dentro da sociedade burguesa todos os setores que englobam a elite (burguesia, clero, estado) se unirão em prol de extirpar aqueles que estão à margem da sociedade, ou se muito, apenas permitir que continuem nessa posição de serviçais, sem possibilidade de superação desta condição. Ao fim da obra o padre recebe a promoção, uma paróquia no interior de Sergipe, não por seu serviço como homem de Deus, mas sim como uma tentativa do clero de afastá-lo das crianças, por isso é mandado para um local distante de Salvador e dos capitães da areia.

A narrativa se constrói em torno dessas antíteses enunciadas por locutores diversos, porém a aporofobia se faz presente, **197** principalmente, por parte da elite. Há um desconforto com a presença desses meninos nas ruas, não em relação a um viés assistencialista, pede-se pela extinção dos garotos (COSTA, 2023, p. 93).

Mesmo quando essas crianças tentam conseguir trabalhar de forma lícita, correm o risco de sofrer agressões como resposta. Exemplar é o caso de Professor quando fez o desenho de um homem na calçada e este ao invés de agradecê-lo ou pagá-lo, o agrediu. Neste episódio fica patente o quanto a maturação precoce dessas crianças deixa lacunas em seu desenvolvimento, pois elas sequer percebem os motivos de certas violências contra elas. Entendiam quando eram perseguidos por roubar, por estar cometendo crimes, mas por que eles eram perseguidos até quando tentavam fazer algo de bom? “Ele [Professor] quisera agradar o homem, merecer uma prata dele. Tivera dois pontapés e palavras brutais.

Não compreendia. Por que eram odiados assim na cidade? Eram pobres crianças sem pai, sem mãe. Por que aqueles homens bem vestidos tanto os odiavam?” (AMADO, 2002, p. 89-90).

Por fim, principalmente o estado, assegura que essas crianças sejam expulsas dos locais públicos, impedidas de circular e punidas tal qual adultos caso sejam pegas cometendo algum crime. Nas palavras de Simon:

O Estado exerce seu poder com força bruta, com violência, com objetivo de extirpar da sociedade a criança categorizada como estigma social, enviando-a para o reformatório ou para a prisão, instituições onde é submetida a uma ação disciplinar violenta exigida pela sociedade e exercida pelo Estado (SIMON, 2023, p. 150).

A violência estatal, retratada em *Capitães da areia*, se expressa de duas formas: através da perseguição a essas crianças e através do abandono e da falta da assistência que elas precisam. Para elas, o estado não presta serviços, oferece apenas a opção de ir para a prisão ou para as casas de detenção. Mesmo o “serviço de saúde” apresentado como alternativa para aqueles que não se vacinaram contra a varíola, que seria o lazareto, representa não um tratamento, mas sim uma situação de quarentena, para evitar que a doença continue a se proliferar, sem nenhum tipo de saneamento ou tratamento oferecido para os enfermos que se encontram lá. Nas palavras de Boa-Vida quando perguntado sobre o local: “Ninguém sabe dizer, não. É uma coisa por demais... Uma nojeira. A gente quando entra é igual um que entra no caixão...” (AMADO, 2002, p. 151).

Diversos personagens da obra são vitimados pela doença; Dora perde os pais e se torna órfã; Almiro e Boa-Vida contraem a doença, mas apenas o segundo sobrevive. Eles são vítimas do abandono estatal, desse estado que se recusa a prestar assistência e vacinação para os menos favorecidos; o único serviço que oferecem é levá-los ao lazareto, um local

abandonado, sujo, que só entra quem contrai a doença e os que sobrevivem saem extremamente traumatizados. Boa-Vida sequer consegue falar sobre sua estadia no local. “- Nada. Nada. Não sei, não... Por Deus, Não pergunte...[...]. É mesmo que ir pro cemitério. Tudo já está morto” (AMADO, 2002, p. 151). Há toda uma explicação mítica para o surgimento do alastrim: Omolu envia a doença como uma vingança do povo pobre contra os ricos, entretanto os ricos se vacinaram e Omolu, deus das florestas, não conhecia tais tecnologias, o que acarreta na doença atingindo a população pobre e preta, os filhos de Omolu, ao invés da população branca e rica (cf. AMADO, 2002, p. 149). À época retratada pelo romance, as vacinas existiam, mas havia problema quanto ao acesso: os ricos foram protegidos e os pobres abandonados à própria sorte.

A verdade é que esse grupo social não é vítima do abandono estatal propriamente dito, uma vez que o Estado se faz presente através da repressão policial. É perseguição, é tortura, suprimi-las até que desistam ou revidem, e se revidam são ainda mais violentadas. Isto não se afasta muito do que Fanon aponta como a forma de tratamento que as figuras de repressão têm com os colonizados. 199

Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe-as, manifesta-as com a boa consciência das forças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado (FANON, 1968, p. 28).

O romance espelha essa prática. A opressão é sistemática e utilizada tanto para punir as crianças quanto para retirar sua coragem de estar nos meios de maior circulação dos demais indivíduos. Na obra há diversas passagens que descrevem as injustiças, os ataques gratuitos, a violência exagerada e até mesmo a tortura por parte do estado, a exemplo daquela que ocorre com Sem-pernas ainda novo:

Sofreu fome, um dia levaram-no preso. Ele quer um carinho, u'a mão que passe sobre os seus olhos e faça com que ele possa se esquecer daquela noite na cadeia, quando os soldados bêbados o fizeram correr com sua perna coxa em volta de uma saleta. Em cada canto estava um com uma borracha comprida. As marcas que ficaram nas suas costas desapareceram. Mas de dentro dele nunca desapareceu a dor daquela hora. Corria na saleta como um animal perseguido por outros mais fortes. A perna coxa se recusava a ajudá-lo. E a borracha zunia nas suas costas quando o cansaço o fazia parar. A princípio chorou muito, depois, não sabe como, as lágrimas secaram. Certa hora não resistiu mais, abateu-se no chão. Sangrava. Ainda hoje ouve como os soldados riam e como riu aquele homem de colete cinzento que fumava um charuto (AMADO, 2002, p. 31).

Algo semelhante ocorre com Pedro Bala, já conhecido como líder dos capitães da areia, quando vai preso e é colocado na solitária, em uma sala escura e apertada onde não se pode ficar deitado nem em pé, recebendo feijão ralo e salgado e um copo de água por dia; e assim ele passou oito dias. Mas as ações utilizadas para oprimir as crianças, têm efeito contrário: afinal, de tanto serem vítimas do poder disciplinador do estado, as crianças entenderam que a força também poderia ser uma resposta à violência cometida pelo estado.

200

3. VIOLÊNCIA COMO FORMA DE SOBREVIVÊNCIA

Com tantas e tão variadas formas de violência desferidas, pelo Estado, contra as protagonistas dessa história, não surpreende que a resposta das crianças ocorra no mesmo tom: a violência como modo de defesa é o que dá início ao ciclo de violência que circunda todo o romance. Essa resposta é muito mais perceptível em personagens como Sem-pernas e Volta-seca, que escolheram responder com agressividade a todos que se opusessem ao que queriam. Era através do sofrimento daqueles que os vilanizavam que tais personagens sentiam alegria. Esse

sentimento não era arbitrário, mas motivado por tudo que sofreram anteriormente. Volta-seca, por exemplo, apadrinhado e protegido por Lampião, vê sua mãe ter suas terras tomadas pela elite local após seu padrinho se embrenhar pelo sertão, o que o leva a nutrir um sentimento de ódio para com a burguesia e de admiração cada vez maior por Lampião.

Ela desceu para a cidade para pedir justiça. Morreu no caminho. Volta Seca continuou a caminhada com seu rosto sombrio. Muita coisa aprendeu na cidade, entre os Capitães da Areia. Aprendeu que não era só no sertão que os homens ricos eram ruins para com os pobres. Na cidade, também. Aprendeu que as crianças pobres são desgraçadas em toda parte, que os ricos perseguem e mandam em toda parte (AMADO, 2002, p. 233).

E Volta-seca, que tem Lampião como figura quase divina, se alegra sempre que recebe notícias dele, principalmente quando se trata de um ataque que resulta no assassinato de soldados, “O Professor buscou uma vela, acendeu, começou a ler a notícia do jornal. Lampião tinha entrado numa vila da Bahia, matara oito soldados, deflorara moças, saqueara os cofres da Prefeitura. O rosto sombrio de Volta Seca se iluminou. Sua boca apertada se abriu num sorriso” (AMADO, 2002, p. 41). Então quando se une a admiração que Volta-seca sente por Lampião com o ódio que ele tem pelas autoridades, tem-se por fim um personagem que sente muito prazer quando consegue cometer seus atos de vingança contra a burguesia: “Seu rosto sombrio tem um riso que o enche todo. Cai o primeiro, o segundo tenta fugir, mas a bala o alcança nas costas. Depois, Volta Seca corre para cima dele com o punhal, sacia sua vingança” (AMADO, 2002, p. 233).

Sem-pernas por outro lado, direciona a violência a todos e a si mesmo. Sua resposta ao sofrimento que passou se expressa através de um ódio acumulado que busca de todas as formas ser extravasado. Dentre as

vítimas de suas perseguições estão outros capitães da areia, animais que atravessam o seu caminho (mesmo o cachorro que Sem- pernas adota não foge de sua violência), as famílias que ele engana para que seus colegas possam roubar e qualquer outro que resolva a ele se opor:

Logo que um novato entrava para os Capitães da Areia formava uma ideia ruim de Sem-Pernas. Porque ele logo botava um apelido, ria de um gesto, de uma frase do novato. Ridicularizava tudo, era dos que mais brigavam. Tinha mesmo fama de malvado. Uma vez fez tremendas crueldades com um gato que entrara no trapiche. E um dia cortara de navalha um garçom de restaurante para furtar apenas um frango assado. Um dia em que teve um abscesso na perna o rasgou friamente a canivete e na vista de todos o espremeu rindo (AMADO, 2002, p. 30).

A violência perpetrada por Sem-Pernas contra os seus colegas do trapiche pode ser explicada por Fanon como a defesa de sua personalidade: a necessidade de impor-se para se proteger. É mais fácil para um sujeito marginalizado levantar a faca para um outro marginalizado do que para o colono, ou nesse caso, a polícia e demais grupos que oprimem as crianças. 202

Enquanto o colono ou o policial podem a qualquer momento espancar o colonizado, insultá-lo, fazê-lo ajoelhar-se, vê-se o colonizado sacar a faca ao menor gesto hostil ou agressivo de outro colonizado. Porque o último recurso do colonizado é defender sua personalidade diante de seu congênere (FANON, 1968, p. 40).

Esse comportamento de Sem-Pernas reflete muito mais uma forma de autodefesa por conta dos traumas sofridos pela violência policial, tantas vezes retratadas ao longo da obra. Uma reflexão sobre o último ato de Sem-Pernas, o suicídio cometido enquanto fugia dos guardas, pode ser explicado pelo contexto de violência. A autora Lucimar Simon (2023, p.

160) interpreta o suicídio de Sem-Pernas como a representação de um ato extremo de violência e seu maior ato de resistência. Entretanto, considerando que o destino de Sem-pernas é apontado pelo autor ao longo de toda obra, com diversas passagens que demonstram sua vontade de acabar com seus pesadelos e seu sofrimento, como quando o autor aponta que um pensamento frequente de sem Pernas era se jogar no mar “onde os sonhos são todos belos” (AMADO, 2002, p. 59).

Os sonhos belos são desejados pois, o trauma adquirido após ser torturado pelos guardas, Sem-pernas sempre que dorme sonha com os mesmos guardas o perseguindo, por isso ele não gosta de dormir. Não obstante, quando no fatídico momento em que Sem-Pernas se lança morro abaixo, o pensamento que corre em sua cabeça é do dia em que foi torturado e seus torturadores riam dele. Para que essa cena não se repetisse, para não ressuscitar seus traumas, ele comete suicídio. “Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é este homem que corre em sua perseguição na figura dos guardas. Se o levarem, o homem rirá de novo. Não o levarão” (AMADO, 2002, p. 238). Esse é mais dentre tantos sintomas das violências sofridas pelo grupo. Seria possível afirmar que os traumas deixados pela violência levam o jovem a cometer atos de violência tanto aos outros, quanto a si mesmo.

203

Sem-Pernas, sancionado negativamente, mata-se por sentir-se sozinho, abandonado, vítima do sistema que o produziu. Para ele, só resta a fatal e derradeira possibilidade de extinção diante das truculências do Estado Penal. Mais do que isso, mata-se como revolta na busca da destruição de seu sofrimento mediante o jogo estabelecido entre as instâncias do escamoteamento e da liberdade que o conduz à realidade assassina e suicida (RIBEIRO, 2023, p. 65).

O que diferencia Sem-pernas e Volta-seca dos demais capitães é que estes dois obtêm prazer na violência cometida. É a felicidade pela vingança cometida que os alimentam. Outras personagens terão passagens

que demonstram atos violentos, Professor, Pedro-bala, Pirulito; mas nenhum deles busca o prazer de nenhuma forma a partir desses atos: eles buscam subsistir nesse ambiente hostil em que vivem. Independentemente disso, todos apresentam essa violência como resposta à violência sofrida pelo estado, e não tendo outra forma de sobreviver, é necessário cometer diversos crimes.

Em *Capitães da areia* a violência não é perpetrada apenas para se resistir às forças policiais, mas também para se opor a outros grupos de crianças, como ocorre no capítulo “Dora, irmã e noiva”, quando o grupo de Pedro Bala vai enfrentar o grupo de Ezequiel após estes atacarem Pedro Bala sozinho. Não apenas isso, mas é necessário dentro do contexto que essas crianças vivem, demonstrar força, demonstrar que são perigosos, afinal vivendo fora da lei estatal, a lei que rege a realidade dessas crianças e dos grupos a qual elas pertencem são outras. Daí chega-se ao ponto: a violência não é uma escolha ou puramente uma resposta pela supressão do estado; a violência é uma necessidade. E sendo uma necessidade, os jovens se acostumam com esse contexto de violência, já crescem com a violência incrustada na existência, o que resulta na cultura de violência como afirma Malcolm Gladwell:

204

Os legados culturais são forças poderosas. Possuem raízes profundas e vida longa. Persistem, geração após geração, praticamente intactos, mesmo quando as condições econômicas, sociais e demográficas que os geraram já desapareceram. Eles desempenham um papel tão importante no direcionamento de atitudes e condutas que não podemos entender nosso mundo sem eles (GLADWELL, 2008, p. 158).

As crianças, então, crescem em uma realidade onde persiste a lei do mais forte, longe da presença protetora do Estado. Todo o contexto de vivência dessas crianças é violento. Elas crescem em uma cultura de violência tão incrustada que para a maior parte delas é impensável

imaginar outra forma de sobreviver se não realizando essa violência. Nas palavras do Professor: “- Deixa de ser besta, Bala. Tu bem sabe que do meio da gente só pode sair ladrão... Quem é que quer saber da gente? Quem? Só ladrão, só ladrão... - e sua voz se elevava, agora gritava com ódio” (AMADO, 2002, p. 132).

Esse viés determinista se repete ao longo de toda obra, seja reafirmado pelo narrador, ou pelas personagens. Independente de quem seja, as atitudes das crianças são apontadas como fruto da realidade em que vivem. “O padre José Pedro dizia que a culpa era da vida e tudo fazia para remediar a vida deles [...] o doqueiro disse que a culpa era da sociedade mal organizada, era dos ricos...” (AMADO, 2002, p. 101-102). Em verdade, enquanto não houvessem ações afirmativas concretas sobre a vida dessas crianças, seria impensável que elas conseguissem superar essa realidade. Como não haviam tais ações, as crianças continuavam a cometer os crimes que cresceram entendendo como necessários para sua sobrevivência. É nesse sentido que tornam-se evidentes os traços deterministas nas obras de Amado, como destaca Costa (2023, p. 90):

205

[...] não estão associados tão somente ao local em que as personagens estão inseridas, mas sim a sua condição de seres subalternizados, isto é, a violência em que estão inseridos os levam a cometer brutalidades, furtos, roubos, espancamentos, estupros (COSTA, 2023, p. 90).

Dessa forma, percebe-se que estando os jovens inseridos em um ambiente próprio, com leis próprias, seguindo regras impostas por eles mesmos, tem-se o surgimento de uma cultura de violência que se desenvolve e avança de forma a levar esses jovens a, em movimentos de ataque e contra-ataque contra o sistema que os oprime, explorar cada vez mais os limites de suas ações e de seus corpos, assim como o corpo do outro.

4. ESTUPROS: A VIOLÊNCIA NÃO CONSIDERADA VIOLÊNCIA PELOS JOVENS

Um outro tema que aparece na obra e, diferentemente da força policial, não é considerada ação violenta é o sexo não consensual. Desde o início da obra, o autor deixa claro que as crianças se iniciam na vida sexual mais cedo que a grande maioria das pessoas, “Falavam naturalmente em mulher apesar do mais velho ter apenas 16 anos. Cedo conheciam os mistérios do sexo” (AMADO, 2002, p. 27). Entretanto, sendo oriundos de uma sociedade que além de aporofóbica e preconceituosa é machista, é de imaginar que essas crianças, vítimas da violência e da adultização, também repassariam o machismo presente na sociedade. No entanto, entre as regras do grupo estava justamente a não participação de garotas. Ao menos até Dora aparecer na história. Ao unir a violência naturalizada de sua vivência, o machismo presente na sociedade e o conhecimento dos mistérios do sexo logo cedo, chega-se a uma união de fatores que incentiva a perpetração de estupros por membros do grupo. 206

A questão aqui é: diferente dos crimes cometidos para a sobrevivência do grupo, que são reconhecidos como crimes necessários, o mesmo não ocorre com os estupros. Tanto não é que tais atos sequer recebem essa nomeação, sendo em grande parte descritas como “derrubar negrinhas no areal” (ainda que tal palavra apresente teor de agressividade). Os estupros cometidos pelos capitães são encarados como relações sexuais comuns, normalizadas entre os jovens. Nestas relações as mulheres são descritas apenas como objetos para aliviar a busca masculina por prazer. A situação em que essas jovens negras são colocadas é tão vil que não ocorre sequer justificativa para que os jovens cometessem tal ato, afinal como já foi dito, eles não consideravam “derrubar negrinhas no areal” como algo errado. Eles poderiam se arrepender de uma agressão, ou justificar seus roubos por sua posição

como existências marginalizadas, mas não havia o arrependimento por estuprar uma mulher negra.

O mais próximo de um arrependimento que pode ser percebido dentro da obra é no capítulo “Docas”, quando Pedro Bala, tomado por uma tristeza oriunda da descoberta da história de seu pai, estupra uma jovem negra que ele encontra atravessando o areal. Esse arrependimento surge, após a tomada de consciência que aquilo que ele sentia e que o impulsionou a estuprar a jovem não foi suprimida, após a consumação do ato de violência. Em segundo lugar, o que ele sente é pena, mas apenas porque Pedro percebe que ela é uma criança também. Fica claro, portanto, que se fosse uma mulher adulta, não haveria arrependimento por parte de Pedro. O arrependimento não ocorre por reconhecer a violência cometida.

Se acompanharmos o ato de fato, veremos que o não reconhecimento da violência torna tudo ainda mais indignante. Narrando em ordem os acontecimentos daquela noite: Pedro, que só queria ir para o trapiche dormir, encontra a jovem, persegue-a e a derruba no chão; acaricia seu corpo mesmo com ela pedindo que ele pare; força a relação sexual a qual a jovem luta constantemente para que não aconteça; a jovem chora e diz que é virgem fazendo-o excitar; Pedro insiste para que ambos façam coito anal, algo que a jovem recusa por medo da dor; Pedro continua insistindo, ignorando os não da jovem e considerando-os apenas um “chiquê”, pois “Além de desvalorizar o não feminino, para o protagonista, a negativa feminina era entendida como um joguinho de sedução” (COSTA, 2023, p. 111); a jovem é levada a aceitar que o coito anal ocorra para manter sua “virgindade” intacta, sob a condição de Pedro deixá-la ir após acabar. Consumado o ato violento, Pedro descumpre a promessa e tenta tirar a virgindade da jovem, pois ele considerava que ela estivesse gostando, afinal “[...] o conceito de desejo é avaliado pelo falo que é detentor da palavra e da vontade e, para as mulheres, resta suprir esse impulso sexual alheio” (COSTA, 2023, p. 111).

207

A jovem volta a resistir e ele desiste, mas pede para que ela volte no dia seguinte ameaçando-a de agressão caso a jovem não retorne. Pedro se põe a acompanhá-la para um local seguro, sob o pretexto de protegê-la de algum malandro enquanto tenta segurar sua mão e colocar-se próximo a ela, sem sequer considerar a possibilidade de que ele tenha feito mal a jovem. A garota vai embora, não sem antes xingar e amaldiçoar Pedro, que não se curou da tristeza que o afligia desde antes de encontrar a jovem (cf. AMADO, 2002, p. 80-85).

Apenas nessa passagem de eventos é possível reconhecer diversos momentos em que Pedro ignora a individualidade da garota, se força sobre ela, faz promessas para depois quebrá-las, considera que os não dela não passam de jogos de sedução e se põe em posição de protegê-la de outras possíveis ameaças, num movimento que não é possível adjetivar de vil justamente porque Pedro sequer percebe o mal que fez. Mas não surpreende essa atitude de Pedro pois ela reflete o machismo inerente à sociedade, que é “um repertório de manobras nas quais os sujeitos masculinos firmam o poder sobre objetos femininos” (ZOLIN, 2009, p. 225). Essa passagem mostra o quanto o machismo implica na desvalorização do feminino de tal forma que Pedro sequer é capaz de considerar que ela seja portadora de opinião, conforme as palavras de Costa (2023, p. 112):

[...] nulifica o não feminino, culpabiliza a vítima, encarando-a como provocadora, supre sua lascívia ao praticar o coito anal com a “negrinha”. Só há dois elementos que fazem o garoto refletir sobre a prática da violência: a “honra” da garota e sua fragilidade após a violação, isto é, elementos que remetem a ideia de Feminilidade (COSTA, 2023, p. 112).

Mas ainda assim tal reflexão não o leva a reconhecer o ato como violento e deixar de normalizar as relações sexuais que os capitães forçam com mulheres e com garotas. Esse não reconhecimento fica explícito na

passagem em que Dora é levada por Professor e João-Grande ao trapiche. Assim que eles adentram a moradia dos capitães, se forma um grupo ao redor dos meninos e de Dora. O grupo deduz que João e Professor trouxeram a garota para ter relações sexuais com ela e logo exigem participação no ato:

- Professor, tu tá pensando que a comida é só pra tu e pra João Grande? Deixa pra nós também... Outro gritou: - Já tou com o ferro em brasa... Muitos riram. Um se adiantou, mostrou o sexo a João Grande - Vê como a bichinha está, Grande. Doidinha... (AMADO, 2002, p. 164).

A naturalidade que eles avançaram leva o leitor a deduzir que essa é uma prática comum entre os capitães, não apenas o estupro mas o estupro grupal, algo que é reafirmado por uma passagem que reflete a relação de Sem-Pernas com as mulheres: “Fora sempre infeliz para o lado de mulher. Quando conseguia uma negrinha no areal era com a ajuda dos outros, era à força. [...] Demais terminara por se fazer antipático e se acostumara a possuir negrinhas a pulso” (AMADO, 2002, p. 227-228). 209

Pedro Bala, então, surge em meio ao embate entre os dois grupos e ao ouvir de Boa-Vida que Professor e João-grande “trouxeram uma comida” e não queriam dividir (cf. AMADO, 2002, p. 166), ele manda que João se afaste pois os demais também têm direito. Não apenas isso mas Bala se põe a liderar o grupo que visa abusar de Dora:

Pedro Bala se adiantou: - Que é isso? Boa-Vida falou do chão mesmo: Estes frescos arranjaram uma comida e quer que seja para ele só. A gente também tem direito... - Também. Eu pelo menos quero trepar hoje... - esganiçou Sem-Pernas. Pedro Bala olhou para Dora. Viu os peitos, o cabelo loiro. - Tão com o direito... - falou. - Arreda, João Grande. O negro olhou Pedro Bala espantado. O grupo avançava novamente, agora chefiado por Pedro Bala. João Grande estendeu os braços, gritou: - Bala, eu como o primeiro que

chegar aqui. Pedro Bala adiantou mais um passo: - Sai, Grande (AMADO, 2002, p. 166).

Este espetáculo se encerra quando João, desesperado, roga a Pedro que Dora seja apenas uma criança, o que leva Pedro a refletir e mudar de opinião, dessa vez se pondo ao lado daqueles que querem proteger Dora. Ou seja, a argumentação utilizada é sobre Dora não ser uma mulher formada, caso fosse, nada a faria escapar da violência que a acometeria dentro do trapiche. Dora terminaria sendo, assim como a jovem negra a qual Pedro Bala estupra, “só mais uma das personagens que aparecem no texto rapidamente para ilustrar a vida sexual desses garotos” (COSTA, 2023, p. 110).

Hooks (2019) no capítulo *pondo fim à opressão sexual contra a mulher*, versará sobre a educação e os papéis de gênero atribuídos quando se trata da sexualidade. A atribuição do papel ativo ao homem e a significação do corpo da mulher como objeto sexual é transposta para as páginas do romance de Jorge Amado refletindo tais construções de gênero. Concomitante a isso, Sueli Carneiro apontará que “é verdadeiro que as mulheres negras são socialmente desvalorizadas em todos os níveis, Inclusive esteticamente, como é verdadeiro também que as mulheres brancas constituem o ideal estético feminino em nossa sociedade” (CARNEIRO, 1995, p. 597). 210

No romance de Jorge Amado, ainda que ambas as aparições do feminino, brancas ou negras, sejam subalternizadas e submetidas a ordem patriarcal, percebe-se que a mulher negra é subalternizada ao extremo, a medida que ela não é digna de nenhuma espécie de respeito pelos homens da trama, o que não acontece com Dora. Dora que em um primeiro momento é desrespeitada, passa a ser amada pelos capitães, ao ponto de um deles ser esfaqueado para defendê-la.

5. CONCLUSÃO

Como dito anteriormente, o colonizado não exita em erguer seus punhos para outro colonizado mediante qualquer tipo de contratempo. Ao longo do artigo ficou expresso que quando se trata do sexo feminino, os capitães as têm constantemente como o outro, inferiores, exemplo a não ser seguido, que servem apenas para satisfazer as necessidades fisiológicas dos capitães em grande parte da obra. Não obstante, para acabar com as relações sexuais entre os garotos, o padre utiliza o argumento de que deitar-se com outro homem, estando em posição de passivo era comparável a estar em posição de mulher. Dessa forma a relação sexual entre homens foi banida, mas também foram banidos os passivos do grupo, pois se assemelhavam a mulheres. Passagens como essa denotam o peso dos papéis de gênero mesmo para jovens marginalizados e, por vezes, principalmente para eles. Mas essa é uma discussão para outro momento.

Esperamos ter mostrado que toda a vida desses jovens é embebida em violência, desde sua gênese até o dia em que conseguem sair dessa situação. A saída pode ser de forma trágica, como Almiro, Dora e Sem-Pernas, ou de forma a conseguir construir um futuro para si, como Professor, Pedro Bala e Pirulito. Independente de como termina esse capítulo da vida de cada uma das crianças, é inegável que a cada momento em que eles se identificam como capitães da areia, elas estão em posição de sujeitos marginalizados, os jovens suscetíveis a todo tipo de violência praticada pela sociedade.

A essa sociedade que os persegue a todo momento, é a própria violência que eles têm como resposta. Violência para resistir, para sobreviver, porque essa é a única forma de resistência que eles conhecem: a prática da violência mesmo sem consciência de origem. Por fim, exercem a violência porque necessitam e se não a tivessem empregado eles estariam mortos a muito tempo. A violência representada através dos

personagens do romance de Jorge Amado pode ser identificada como o único meio através do qual eles podem responder a perseguição e a marginalização que sofrem. A violência é a única forma de ser percebidos; é a forma com que se tornam cidadãos, através de vivências marginalizadas.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. 108 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

CARNEIRO, Sueli. Gênero raça e ascensão social. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, 1995, p. 544-552.

COSTA, Camila Fernandes da. *Capitães da areia e Tereza batista*: duas fases e duas faces da violência sexual. **Tese (Doutorado)**. Curso de Estudos da Linguagem. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2023, 163f.

212

DANTAS, Emanuella Pereira de Souza; RODRIGUES, Manoel Freire. O carrossel da revolução: opressão e resistência em *Capitães da areia*. **Crioula**, v. 32, n. 15, dez. 2023, p.332-354.

FANON, Frantz. Da violência. In: _____. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 23-74.

GLADWELL, Malcolm. Harlan, Kentucky. In: GLADWELL, Malcolm. **Fora de série: outliers**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008, p. 147-199.

HOOKE, Bell. Pondo fim a opressão sexual contra a mulher. In: _____. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019, p. 215-227.

RIBEIRO, Leandro Lima. **A discursivização semiótica do ódio em Sem-Pernas**. *Crioula*, São Paulo, v. 32, n. 2, dez. 2023, p. 49-70.

SIMON, Lucimar. Pedro Bala, Sem-Pernas e Volta Seca: a violência como forma de resistência em *Capitães da areia*. *Crioula*, v. 32, n. 6, dez. 2023, p. 138-162.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (ORGS.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009, p. 217-242.

JEAN MARCELO DOS SANTOS SILVA

<http://lattes.cnpq.br/6053402690694769>